



**Nau Literária**  
crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526  
<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>  
Vol. 14 N. 02 2018  
Literatura e a emergência do político

## Entre a não ficção e a ficção

Guto Leite<sup>1</sup>

*O preto que falava iídiche* (2018), de Nei Lopes, dá vida a um período exuberante de nossa história cultural. Com um sem número de referências, ora seguidas à risca, como documentos, ora cruzadas ou moduladas, lançando mão da liberdade do ficcionista, amplia muito o entendimento sobre o período; a começar pelo título – que se desdobra no enredo principal –, vinculando duas comunidades oprimidas no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX: negros e judeus. Diferentemente das pesquisas, que costumam recuperar recortes desse contexto, o esforço do romancista é de outra ordem e precisa fazer conviver as vozes e as visões de mundo daquela coletividade. É intrigante notar, e isso é uma espécie de tese de fundo do romance, que os destinos dos judeus e negros muitas vezes coincidem ou se sucedem, como é o caso da Praça Onze, no Rio, ou do Bonfim, em Porto Alegre. É a partir desse contexto que o romance vai tratar de seu tema principal, o racismo, de um ângulo bastante incomum e cheio de interesse para quem está acostumado à bibliografia sobre o tema.

O preto de que fala o título é Nozinho. Inteligente, poliglota, habilidoso, ápice dessa possibilidade de aprender e subverter, que o leva a uma notável emancipação, seja na Praça Onze, seja nos diversos lugares e países que visita ao longo do romance até terminar seguindo do Rio Grande do Sul para a capital do país na Revolução de 1930. Nozinho se apaixona por Raquel, judia, branca, que corresponde à paixão e engravida do namorado. Os pais dela, também reagindo à pressão da comunidade judaica fluminense, exilarão a jovem em Porto Alegre, e ela passará a figurar no romance como um horizonte da busca de Nozinho, um fantasma para o qual caminha sua história. Em diversas passagens, Raquel surge como uma notícia, um boato, uma miragem e tem a controversa função de calcanhar de Aquiles do desenvolvimento protagonista.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura da UFRGS, poeta e cancionista.

Outro nó formal importante é o narrador da obra, “um provisionado, condição que a má língua insiste em denominar ‘rábula’”, homem que não era advogado, mas havia estudado Direito, e por isso tinha uma “carta de solicitador” para defender réus em audiências. A ele coube a tutela do protagonista quando criança, “um moleque – como se dizia então –”, de cerca de dez anos, órfão e vivendo entre as baianas da Praça Onze. Foi o narrador quem incentivou o protagonista em sua vida de leitor, como também quem o ajudou em sua primeira “colocação”, “na fábrica de guarda-chuva de Natan Friedman”, pai de Raquel, onde aprenderia ídiche, dialeto em que a família Friedman se comunicava. A posição do narrador, portanto, é explicitamente implicada em todo o livro. Ele mantém uma condição de proximidade afetiva muito grande em relação a Nozinho, e seu interesse desde o início consiste em contar a história de um extraordinário negro da Praça Onze e da Cidade Nova, anulando completamente uma distância crítica em relação ao protagonista – mesmo as censuras se carregam de certo humor galhofeiro – e comportando-se como um tipo de mediador.

Uma das maiores graças do livro, que envolve a história de Nozinho e o modo como ela é narrada, é reconhecermos, dentre personagens criadas pelo autor, um conjunto de personalidades reais, que com efeito movimentaram a vida carioca, nacional e internacional daquele período. Da Coluna Prestes a Sinhô e Tia Ciata, de políticos conhecidos a Robert Abbott, essas pessoas emprestam sua força de real a figuras como o negro Simão, ativista e intelectual negro morador da capital paulista, de grande importância no desenrolar do romance, e Estevão, pintor que discute miscigenação e identidade por meio da disposição e da mistura das tintas. Por conta dessa dinâmica, estamos sempre a nos perguntar como devemos ler o livro, se como romance, se como um livro de pesquisador, se como novo jornalismo, se como um *roman à clé*. Nos melhores momentos da obra, essa questão é suspensa e simplesmente vivemos a cena apresentada a nós pelo romancista – como no encontro do delegado e do malandro logo no começo do livro ou na chegada de Nozinho a Porto Alegre –, mas o mais comum em *O preto que falava ídiche* é estabelecer-se uma relação tensiva entre os dados e a ficção.

Em que pese a riqueza do livro, a sensação de leitura é mesmo desse entrave. Há passagens em que nos deixamos levar pela polifonia recuperada de outros tempos, há outras em que o tratamento de racismo ganha caráter sensivelmente didático. Há passagens em que o tempo da narrativa flui de maneira a não percebermos a leitura, há outras em que certa sombra anacrônica, do presente da publicação do livro, perturba a organização temporal da obra. Algo

análogo acontece com as personagens. Por exemplo, se Simão Simonsen se forma como personagem completo e nos intriga em relação a seus caminhos e posicionamentos, Raquel, por sua vez, tem desfecho sumário e embaralha um tanto a última parte do romance.

Salvo melhor leitura, não há censura possível ao laureado pesquisador Nei Lopes neste ou em seu trabalho mais conhecido, *Dicionário da História Social do Samba* – em coautoria com Luiz Antonio Simas –, mas seria interessante dar mais espaço ao romancista quando o assunto é romance. Não é incomum no livro que a linha narrativa se perca para que o autor nos dê alguma informação que considera relevante. Como também as representações ficcionais aparecem demasiadamente iluminadas pela informação da pesquisa. Com a exceção de alguns casos, notavelmente Flaubert, os bons romances logram de certa incompletude, ou do fazer da intuição, ou das transições das cores, ou de alguma imprecisão. Em *O preto que falava iídiche*, por mais que encante a quem estude cultura popular, samba, o racismo no país etc. com a infinitude de referências, a verdade da não ficção retorce a verdadeira ficção.

## Referências

LOPES, Nei. *O preto que falava iídiche*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2018.

LUKÁCS, Georg. “Narrar ou descrever”, em \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba* [2ª edição]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora/UFRJ, 1995.